

# A GRANDE EMIGRAÇÃO



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

JOSÉ TÁDEU JORGE

Coordenador Geral da Universidade

ÁLVARO PENTEADO CRÓSTA



Conselho Editorial

Presidente

EDUARDO GUIMARÃES

ELINTON ADAMI CHAIM – ESDRAS RODRIGUES SILVA

GUITA GRIN DEBERT – JULIO CESAR HADLER NETO

LUIZ FRANCISCO DIAS – MARCO AURÉLIO CREMASCO

RICARDO ANTUNES – SEDI HIRANO

EMILIO FRANZINA

A GRANDE EMIGRAÇÃO

O ÊXODO DOS ITALIANOS DO  
VÊNETO PARA O BRASIL

*Tradução*

EDILENE TOLEDO

LUIGI BIONDI

EDITORIA UNICAMP

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

---

F859g Franzina, Emilio, 1948-  
A grande emigração: o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil / Emilio Franzina; tradução Edilene Toledo e Luigi Biondi. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

Tradução de: La grande emigrazione. L'esodo dei rurali dal Veneto durante il secolo XIX

1. Imigrantes italianos – Brasil. 2. Colonização agrária – Brasil. 3. Movimentos sociais – Brasil. 4. Itália – História – Séc. XIX. 5. Brasil – História – República Velha, 1889-1930. I. Título.

	CDD 325.2450981
	333.30981
	322.440981
ISBN 85-268-0507-X	945.08
	981.05

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Imigrantes italianos – Brasil	325.2450981
2. Colonização agrária – Brasil	333.30981
3. Movimentos sociais – Brasil	322.440981
4. Itália – História – Séc. XIX	945.08
5. Brasil – História – República Velha, 1889-1930	981.05

Copyright © 1976 by Marsilio Editori

Copyright da tradução © 2006 by Editora da Unicamp

1ª reimpressão, 2015

Direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,  
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.

Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp

Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp

CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil

Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728

www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

*Aos meus pais*



# SUMÁRIO

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA .....	11
------------------------------------	----

PREFÁCIO .....	25
----------------	----

## PRIMEIRA PARTE

### ECONOMIA E SOCIEDADE RURAL NA ÁREA DE PARTIDA

CAPÍTULO 1 — A EMIGRAÇÃO NA HISTÓRIA DA ITÁLIA .....	29
<i>O problema histórico da emigração</i> .....	29
<i>Emigração e desenvolvimento capitalista na Itália</i> .....	32
<i>As origens dos fluxos migratórios (1861-1875)</i> .....	36
<i>A primeira fase da emigração italiana (1876-1886)</i> .....	38
<i>O êxodo dos campos e a emigração permanente de massa nos anos     da disputa colonial (1887-1901)</i> .....	41
<i>A emigração do Sul da Itália para os Estados Unidos e a conclusão do     primeiro grande ciclo migratório (1902-1927)</i> .....	45
<i>Das medidas restritivas dos anos 20 ao segundo pós-guerra (1927-1948)</i> .....	47
<i>De 1948 aos nossos dias</i> .....	48
Notas .....	51

CAPÍTULO 2 — O ÊXODO DOS CAMPONESES DO VÊNETO (1869-1901):	
TENDÊNCIAS GERAIS E ASPECTOS QUANTITATIVOS .....	61
<i>A emigração de massa e o quadro internacional na segunda metade do século XIX: fatores transoceânicos de atração e expulsão de várias áreas européias .....</i>	61
<i>Fluxos migratórios e ciclos econômicos: a tendência fundamental da emigração vêneta .....</i>	68
<i>O êxodo dos camponeses do Vêneto: características gerais e estatísticas da emigração .....</i>	80
Notas .....	119
CAPÍTULO 3 — A EMIGRAÇÃO E O MODELO VÊNETO DE DESENVOLVIMENTO ....	
<i>A terceira região agrária da Itália .....</i>	135
<i>Os latifundiários vênets, a agricultura e o mito “pequeno proprietário” .....</i>	142
<i>Das assembléias agrárias ao “Partido Protecionista”: catonismo e industrialismo na refundação da sociedade rural estática .....</i>	154
<i>Modelo vêneta de desenvolvimento e papel dos fluxos migratórios .....</i>	164
Notas .....	182
SEGUNDA PARTE	
O ÊXODO DOS CAMPONESES E OS DEBATES SOBRE EMIGRAÇÃO E COLÔNIAS	
CAPÍTULO 4 — AS FASES E OS TIPOS DE ÊXODO RURAL .....	
<i>A emigração camponesa das áreas de montanha e as premissas do debate .....</i>	205
<i>As origens dos fluxos migratórios permanentes e a primeira fase da emigração transoceânica das províncias de Belluno, Treviso, Udine e Vicenza ...</i>	216
<i>Ruralistas e proprietários na polémica sobre a emigração do Vêneto: da “sátira do vilão” à “sátira do emigrante” .....</i>	228
Notas .....	246



CAPÍTULO 5 — O GRANDE ÊXODO .....	259
<i>Emigrantismo, fuga de massa dos campos e fenomenologia da questão migratória</i> .....	259
Notas .....	279
CAPÍTULO 6 — A AUTONOMIA CAMPONESA E A EMIGRAÇÃO .....	295
<i>Por uma história da gente sem história: do lado dos emigrantes</i> .....	295
<i>Os camponeses vênéticos, a emigração e a imagem do “Novo Mundo”</i> .....	320
<i>Padres, feiticeiros e camponeses</i> .....	327
Notas .....	341
CAPÍTULO 7 — SOCIALISTAS, LITERATOS E BURGUESES .....	361
<i>Os socialistas e o campo vêneto: luta política, emigração e utopias sociais</i> .....	361
<i>Platéias burguesas, escritores e literatos: a “classe dos cultos” e a emigração camponesa</i> .....	374
Notas .....	393
CAPÍTULO 8 — DA “EMIGRAÇÃO DOS CAMPONESES” À “EXPANSÃO DOS ITALIANOS” .....	407
<i>Movimento católico e emigração: a hegemonia clerical moderada</i> .....	407
<i>Pacifico Valussi e os pressupostos teóricos do expansionismo demográfico</i> .....	419
<i>O colonialismo de segunda classe e a província cultural vêneta: o exemplo de Salgari</i> .....	427
<i>A “nova Itália na região do Rio da Prata” e a procura do “lugar ao sol”:</i> <i>Attilio Brunialti e os teóricos vênéticos do expansionismo demográfico</i> .....	434
Notas .....	445
ÍNDICE ONOMÁSTICO .....	463



## PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

As inúmeras mudanças ocorridas durante o último quarto de século, e não somente na historiografia, talvez me eximam, ao introduzir a edição brasileira deste livro, de traçar um quadro exaustivo dos avanços realizados pelos estudos neste campo para o período de que este originalmente se ocupava.

Originalmente, no nosso caso, significa mais ou menos 25 anos atrás, um período longo o bastante (correspondente a um par de gerações) para suportar qualquer tipo de revisão ou de inovação, começando pelas de base: em 1975, quando reuni em uma primeira publicação os frutos de uma pesquisa (iniciada mais ou menos cinco anos antes) sobre a emigração vêneta, eu alternava ainda, na elaboração dos textos, o uso antigo e reconfortante da caneta com o moderno, mas não intimidador ou desagradável, da máquina de escrever. Hoje, às vésperas de partir para uma daquelas viagens de trabalho na América Latina que se tornaram habituais para mim, mas que naquela época eu nem sonharia poder fazer um dia, escrevo estas notas (que logo entregarei pessoalmente em São Paulo a amigos e tradutores, como Michael Hall e Edilene Toledo, aos quais declaro toda a minha gratidão e com os quais, aliás, mantive um contato assíduo através do

correio eletrônico) graças ao auxílio de um computador portátil, no fim de umas férias breves nos Alpes Dolomíticos, um lugar encantador na fronteira entre a Áustria e a Itália. O deslocamento geográfico ocasional não destoia totalmente do objeto de estudo inicial das minhas pesquisas sobre a grande emigração da Europa meridional do fim do século XIX: não muito distante de onde me encontro nesse momento, um pouco abaixo do Tirol, que esteve entre as poucas regiões do Velho Continente “refratárias” à expatriação, começa a grande área de montanha trentina que, por sua vez, faz fronteira com o arco alpino e subalpino vêneto e friulano, que, junto com os vales baixos e alguns enclaves (não só “trivênetos”) da planície do rio Pó, podemos considerar a área de partida das populações rurais italianas que se dirigiam à América e particularmente ao Brasil, por volta de 1875. Considerando o contexto das migrações transoceânicas da segunda metade do século XIX, tratava-se de um pequeno (e só mais tarde se compreenderia o quanto ele foi importante) deslocamento de europeus destinados, em grande parte, a permanecerem definitivamente no “Novo Mundo”.

No que se refere à componente italiana dessa transferência, e contextualizando brevemente a parte relativa ao Brasil, não estamos desprovidos hoje de informações e interpretações adequadas. Eu mesmo, no fim de um longo percurso de pesquisa, quase sempre dominada pela preocupação com a bilateralidade “regional” do fenômeno e suas conseqüências culturais e econômicas nos processos de nacionalização e modernização dos dois lados do oceano, creio que posso dizer que contribuí bastante, elaborando de forma mais madura (ou esclarecendo melhor) as intuições e as linhas de pesquisa que já estavam presentes, quase totalmente, na monografia publicada em italiano em 1976 e agora rerepresentada com poucos cortes e ajustes ainda menores.

Alguém observou maldosamente (referindo-se, espero, não só aos historiadores ou àqueles que se aventuram no ensaísmo) que se escreve sempre o mesmo livro: o primeiro. De fato, é verdade que nas obras de estréia, não excluídos os romances, existe freqüentemente algum vestígio ou pista do desenvolvimento posterior de toda uma atividade, criativa ou de pesquisa, realizado por seus autores. Algo desse tipo deve ter acontecido também com *A grande emigração*, que teve a vantagem (mas ao mesmo tempo o defeito ou, como veremos, o “erro”) de ter sido impresso muito antes da publicação, na Itália e no Brasil, de alguns trabalhos fundamentais sobre o mesmo tema, começando pelos de Angelo Trento, Ercole Sori, Ugo Ascoli e, sobre o Vêneto e o Trentino, de Antonio Lazzarini e Renzo Grosselli.

Deixando de lado por um momento as tentações autobiográficas, freqüentemente inevitáveis, mas não ilícitas, basta evocar, do lado italiano, os nomes de Chiara Vangelista, Teresa Isenburg, Maria Rosaria Ostuni e Piero Brunello e, do lado brasileiro-paulista, os de José de Souza Martins, Michael M. Hall, Zuleika Alvim, Verena Stolcke, Mario Carelli, Bóris Fausto, Ecléa Bosi e Pasquale Petrone, para não falar do verdadeiro exército de historiadores, digamos “militantes”, sobretudo de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, e da atividade intensa e impressionante realizada nas últimas três décadas pelo frei Rovílio Costa e por Luiz Alberto De Boni, que quase obscureceu, até há pouquíssimo tempo, a lembrança da contribuição original oferecida por um tipo diferente de estudioso, como o baiano Thales de Azevedo, para citar um único nome. Seria necessário um outro livro para reconstruir, ou mesmo para delinear, o que os diversos trabalhos historiográficos permitem entrever a esse respeito, tanto no âmbito italiano como no americano: em síntese, um verdadeiro entrelaçamento de percursos de pesquisa individuais e acadêmicos, de “escolas” e de clãs científicos de diferentes disciplinas em disputa (particu-

larmente intensa no caso da emigração, em torno da qual historiadores econômicos e historiadores sociais, demógrafos e geógrafos, literatos e estudiosos do folclore gravitam e insistem sobre o mesmo domínio, nem sempre em sintonia ou raramente em colaboração recíproca).

Ultimamente, o pensamento mais refinado, no círculo restrito (ou no “gueto”?) do “especialismo”, parece ter optado por modelos de maior elasticidade (ou de menor rudimentariedade classificatória e interpretativa) em relação ao passado, atenuando o peso do clássico dispositivo binário de atração–expulsão e convidando à árdua análise comparativa (Baily), reconduzindo a uma unidade relativa o quadro dos movimentos migratórios do antigo regime e da idade contemporânea (Page Moch, Sassen, Lucassen e outros) e abandonando as visões monocausais e miserabilísticas dos êxodos (Corti), redimensionando a influência dos ciclos e a relevância dos dados macroeconômicos, ou melhor, identificando uma escala causal variada e um conjunto de fatores constitutivos dos fluxos migratórios (Sori, Devoto), valorizando até os elementos mais ligados às estratégias individuais, às redes (Rosoli, Devoto) e às identidades (Gabaccia, Ramella, De Clementi).

Todavia, acredito que não possa ser posta em dúvida, nem mesmo à luz de tantas mudanças de perspectiva, a minha intuição sobre o lugar ocupado pela dimensão regional e o relevante papel desempenhado em alguns casos, e sem dúvida no caso ítalo-brasileiro, pelas “chamadas americanas” em relação às condições conjunturais e de base específicas, especialmente nos anos da crise agrária européia do fim do século XIX, dos países (distritos, vilarejos, populações e grupos humanos) de partida. Essa intuição animava e anima ainda as melhores páginas deste livro, ele também datado, sob outros aspectos, e inclinado, portanto, a privilegiar visões não ideológicas, mas cer-

tamente classistas (e hoje — infelizmente, na minha opinião — “fora de moda”), porque pretendia deliberadamente sustentar a própria trama expositiva com uma eficácia que o leitor julgará se resistiu ao desafio (e às injúrias) do tempo. Em outras palavras, existiam potencialmente (e não só) ao longo de seus capítulos, as premissas de muitas análises sucessivas sobre as relações que levaram, em várias partes da Itália, à emigração para o Brasil, tanto dos agricultores recrutados “do outro lado do Atlântico” (instalados inicialmente nos núcleos coloniais do período imperial) como dos assalariados rurais trazidos pelos fazendeiros, com a viagem paga, em São Paulo e no Espírito Santo, na iminência ou imediatamente após a abolição da escravatura: dois “modelos”, um predominantemente de povoamento e o outro secamente econômico, bastante divergentes, além de defasados cronologicamente entre si, e dos quais o vencedor, o dos “braços para as fazendas”, não deixaram de ter repercussões e conseqüências negativas sobre a evolução do país de acolhida.

Neste livro não se encontrará o deslocamento sucessivo dos imigrantes, tanto das “colônias” rurais como das fazendas de café, para outros lugares, especialmente os centros urbanos mais importantes do país (sobretudo São Paulo no período da intensa industrialização), com suas conseqüências graduais em termos de aculturação civil e política, além da americanização dos camponeses e dos operários europeus (originários do Vêneto pós-unificação); estes eram fenômenos que não podiam ser previstos (no máximo intuídos) entre a metade dos anos 70 e o fim do século XIX. Aqueles movimentos internos de reemigração, ainda que no Brasil e em toda a América Latina tivessem uma grande relevância, não atraíram a minha atenção de jovem pesquisador no início dos anos 70 do século XX. Eu fui mais atraído e estava mais curioso e emotivamente condicionado pelo que via — e ainda hoje às vezes vejo — como o capítulo mais interessante

de uma história (não de uma saga) tanto americana quanto italiana (mas sobre o segundo lado do dilema, infelizmente, nunca tive o prazer de encontrar interlocutores entre os historiadores italianos, que simplesmente ignoram a história da emigração e das populações de origem italiana no mundo, ainda hoje, quando já entramos em um novo milênio): uma visão ou versão historiográfica, ousado dizer, do fascínio exercido pelo mito da América como “terra prometida” sobre milhões de homens e mulheres, nem todos, ou não necessariamente, fugindo da miséria e da fome, como poderiam provar numerosas carreiras “empresariais” de muitos deles. Tendo realizado estudos sobre católicos e socialistas do fim do século XIX e convencido de que tinha encontrado, no Vêneto, um observatório, para não dizer um “modelo” muito sugestivo dessa visão, eu estava fascinado, admito, sem ter formado uma idéia (nem, infelizmente, uma idéia “preliminar” séria) da contrapartida americana do problema ao qual me reconduziam incessantemente as trajetórias e as experiências de vida dos emigrantes vênéticos e italianos em geral, após a chegada ao Brasil.

Creio que meus trabalhos posteriores tenham remediado em parte essa lacuna, procurando preparar um campo do qual eu tinha demarcado os limites ou as características principais desde o início: o êxodo dos pequenos proprietários e arrendatários do Vêneto, ameaçados pela explosão da crise agrária e encorajados a dirigir-se para o além-mar pelas práticas promocionais e povoadoras dos governos provinciais e centrais; a sua participação, com os imigrantes alemães, que tinham chegado antes, no processo de construção de ilhas “européias” (não só pela língua ou pela cultura tradicional) no Brasil da Primeira República; a importância do exemplo fornecido por eles para a circulação do “mito americano” nos campos de origem e para a formação de redes e de cadeias emigratórias de longa duração, pres-



suposto e elemento de reforço das tendências manifestadas, entre o início da década de 1880 e o Decreto Prinetti (1902), pela política imigratória dos fazendeiros paulistas, com a sobreposição de inúmeras ondas de camponeses, dessa vez bastante pobres, desprovidos de uma verdadeira “profissão” agrária e provenientes não mais somente das partes centrais e montanhosas da região vêneta, mas também das planícies baixas e do Polesine, atingido por uma sucessão de terríveis desastres naturais (como a enchente do rio Pó e de outros rios, em 1882) ou de acontecimentos políticos e proto-sindicais de grande importância (como o fracassado movimento de protesto dos assalariados rurais da “Boje”).

Quando tomei a decisão de contar as fases iniciais dessa história, às quais lamento só ter retornado, no que se refere à questão dos “alistamentos”, em estudos apresentados em congressos, a maior parte inéditos (em Mineápolis em 1986, em Colombres-Oviedo em 1998 etc.), e que poderia já naquela época chamar “euro-americana” antes que assim fosse rebatizada, depois de Cantalupo, uma trilogia da Fondazione Giovanni Agnelli — fundação que deu apoio a vários estudiosos no Brasil e com a qual colaborei também dando vida (e encontrando para a revista um nome adequado) à primeira série de *Altreitalie* —, eu tinha escolhido privilegiar, além dos pontos de vista e fontes tradicionais, também aqueles que gosto de chamar “alternativos”, como as cartas e testemunhos autobiográficos dos protagonistas camponeses. Inicialmente sem sucesso, tanto que a primeira editora do livro, a veneziana Marsilio (mas não os responsáveis pela coleção na qual ele apareceu, Mario Isnenghi e Silvio Lanaro) não quis incluir como anexo, como eu tinha proposto, as correspondências “latino-americanas”, que se tornariam, em 1979, a base de uma outra publicação minha, esta também com a introdução reduzida, que obtive, todavia, um sucesso incrível (e duradouro: no ano 2000 ela chegou

à terceira impressão da segunda edição): *Merica! Merica! Emigrazione e colonizzazione nelle lettere dei contadini veneti e friulani in Brasile e Argentina*, da qual os jornais falaram muito, também no Brasil, e que foi, por assim dizer, a primeira de uma série de pesquisas cuja validade é hoje mais reconhecida ou “admitida”.

Em 1977, com Mario Sabbatini, eu tinha publicado, quase como conclusão de uma obra maior, um volume intitulado *Veneti in Brasile*, honestíssimo nas suas intenções, mas já do tipo “celebrativo-comemorativo” que se estava impondo naquele momento, nem sempre de modo cientificamente apropriado, e não somente na Itália, na onda dos aniversários seculares da emigração para o Brasil. A este se seguiriam, pouco a pouco, muitos outros ensaios e livros (meus ou organizados por mim, como coletâneas ou atas de congressos) sobre a emigração vêneta e italiana. Fazendo parte de uma linha de estudos de história regional, para cujo fortalecimento contribuí através de monografias específicas e até mesmo fundando revistas como *Venetica* (em que, nas primeiras séries, foi dado muito espaço, até o auge em 1992, à emigração), estava evidentemente aperfeiçoando as reflexões realizadas no início. E, ao fazê-lo, encontrava cada vez mais força nos contatos que nesse tempo tinha estabelecido, por assim dizer, “no campo”, dirigindo-me várias vezes, depois de 1985, aos Estados Unidos, à América Latina e sobretudo aos estados brasileiros mais atingidos pelo fenômeno da imigração vêneta e italiana por mim estudado: São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Não resumirei agora os sucessos e os efeitos desses contatos, também de amizade, que felizmente cresceram com o passar do tempo (sobretudo em São Paulo, em Campinas e em várias partes do Rio Grande do Sul), enquanto crescia o interesse, mais político do que científico, para dizer a verdade, da Itália (e da região do Vêneto) em relação à história da emigração para a América. Recentemente, discutindo esse tema em Porto Alegre, em um contexto singular,

já por si marcado por divisões nem tão inexplicáveis entre os descendentes (lombardo-vênetos) dos italianos da serra e os descendentes (meridionais) dos italianos “da cidade”, pude sublinhar o quanto foi e é impróprio, desde o fim da década de 1970, o uso simbólico do recurso pseudo-identitário constituído pelas heranças emigratórias (vênetas e italianas) no Novo Mundo.

Não seria difícil repetir agora críticas e observações até mesmo impiedosas (aliás, já feitas em outros lugares) à instrumentalização, no mínimo irresponsável, que normalmente se realiza em um terreno tão delicado, na trilha de visões nacional-fascistas, cuja história está apenas começando a ser escrita (e bastaria só uma referência às suas atuais derivas institucionais, na Itália e no Vêneto, sob o impulso de alguns ideólogos facilmente identificáveis e porta-vozes como Ulderico Bernardi), mas francamente não creio que este seja o lugar indicado para fazê-lo. Creio que ao leitor brasileiro será mais interessante saber que foram feitos avanços importantes nas pesquisas, no plano de uma melhor definição dos comportamentos e dos papéis dos imigrantes e seus descendentes, mesmo depois do encerramento da emigração na década de 1920, e depois da ascensão, em ambos os lados do Atlântico, dos fascismos, como começaram a contar ultimamente poucos autores italianos (Trento, Pluviano, Guerrini) e um grupo de velhos e novos historiadores brasileiros (Cervo, Brandalise, Slomp Giron, Corsetti e, sobretudo, o atívisimo João Fábio Bertonha, cujo último livro sobre *O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil* não só preenche lacunas evidentes de história política, mas parece querer romper com a tradição dos estudos ítalo-brasileiros sobre a imigração, todos concentrados, o que era compreensível há 20 anos, somente nas fases iniciais do fenômeno).

Em alguns casos, estes avanços nas pesquisas contribuem para corrigir a versão mais difundida das atitudes e das características regionais italianas “importadas”, através da emigração, para a América, onde nem

mesmo os pacíficos e religiosos camponeses vênéticos, para dar um exemplo apropriado, ficaram alheios (pelo menos em São Paulo, como observava Luigi Biondi há algum tempo) às lutas políticas e sociais locais, dando, ao contrário, uma contribuição própria ao associacionismo imigratório laico e ao crescimento dos movimentos operário e socialista brasileiros: um tema que hoje poderia ser repensado recordando as antigas observações de Piccarolo sobre alguns de seus conterrâneos vênéticos e recuperando talvez — mais do que “hagiografias” como a de Geremia Lunardelli totalmente óbvias (e sintomaticamente repetidas por novos panegiristas italianos recentemente) — a complexa biografia de um Bortolo Belli, conterrâneo menos “nobre”, mas não menos empreendedor. Assim como o “rei do café” Lunardelli, Belli também era de Oderzo, cidadezinha vêneta da província de Treviso, e não deixava de também se interessar pelo café, sendo autor, entre outras coisas, de um folhetim no início do século XX, até hoje pouco conhecido, mas rico de informações inteligentes sobre a vida dos camponeses vênéticos nas fazendas. “Nane. Storia de um colono” foi publicado no *Avanti!* de São Paulo, entre 1900 e 1901, bem antes da composição e circulação de tantos contos de matriz clerical surgidos a partir dos anos 20 no Rio Grande do Sul, mais venetizado. E a esse propósito, cruzando, como já se fazia em *A grande emigração*, as fontes históricas e as literárias (aqui *Sull’oceano* e o opúsculo *In America* de De Amicis, mas também o aventureiro veronês Emilio Salgari), por que não recordar obras sem dúvida menores e de valor estético modesto, como *Nane* (ou também o *Nanetto Pipetta* vêneto-gaúcho), e que, entretanto, se esforçam para contar “no calor da hora” algumas parábolas imigratórias exemplares dos vênéticos (e dos outros italianos) no Brasil?

Deste tipo foi o complexo “romance histórico contemporâneo” de Pietro Azzi, imigrante da região da Garfagnana intitulado *Al di qua dell’oceano (Vita coloniale)*, cuja ação principal ocorre no ambiente da